

O TEXTO LITERÁRIO E O ENSINO DE LÍNGUAS E LITERATURAS: UMA ENTREVISTA COM O PROFESSOR HELDER PINHEIRO

Neste segundo número, do volume 2, ano 2013, da revista **Diálogos das Letras**, cuja temática é “Abordagens sobre o texto literário no ensino de línguas e literaturas”, os professores Maria Lúcia Pessoa Sampaio¹, Maria Gorete Paulo Torres² e Ananias Agostinho da Silva³ apresentam uma entrevista realizada com o professor **José Helder Pinheiro Alves**, professor associado II da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e um dos principais nomes do país em estudos sobre ensino de texto literário. Além de orientar pesquisadores na escritura de teses, dissertações e monografias, o professor Helder Pinheiro tem se engajado na publicação de artigos, capítulos de livros e livros. Dentre os seus principais títulos, destacam-se *Poesia na sala de aula*, *Cordel na sala de aula*, *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*, *O cordel no cotidiano escolar*.

Entrevistadores: Professor, nosso país possui um atraso secular em termos de leitura, se considerarmos o obscurantismo da política colonial portuguesa nos primeiros séculos de nosso desenvolvimento. A produção de impressos, por exemplo, só teve início no país no século dezanove, quando abrigamos o imperador português acudado pelo império francês. Para muitos, inclusive, o Brasil ainda é um país em que as pessoas não leem ou leem muito pouco. Pensando nisso, o que precisamos fazer para estimular ou incentivar o desenvolvimento de práticas de leitura no país?

Helder Pinheiro: Muitas ações podem ser feitas no sentido de estimular práticas de leitura. Muitas já estão sendo feitas em escala menor, mais localizada. Feiras de livro – não necessariamente os megaeventos -, projetos que levam livros de literatura para periferia, para zona rural, etc. No âmbito da leitura literária, a de que posso falar com

¹ Docente do Departamento de Educação do *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN) e do PROFLETRAS/UERN. Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Pós-Doutorado no Laboratoire d'Etudes Romanes, na Equipe de Linguistique des Langues Romanes na Université Paris 8, France. Proponente-Coordenadora do Programa BALE - Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas. Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: malupsampaio@hotmail.com

² Docente da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Norte. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN). Coordenadora do Programa BALE - Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas. Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: goretetorres@hotmail.com

³ Docente do Departamento de Letras (DL) do *Campus* Avançado de Patu (CAP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Patu (CAP). Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: ananiassilva@uern.br

mais propriedade, precisamos de uma formação mais adequada dos professores oriundos dos cursos de Letras e Pedagogia. Isto significa estudar nossa literatura infanto-juvenil, que é matéria básica para os anos iniciais do ensino fundamental. E também preparar esses profissionais metodologicamente. São questões que precisam ser enfrentadas com urgência. Num plano mais amplo, precisávamos investir em criação de bibliotecas (em escolas, nos municípios, bairros, distritos) com profissionais preparados para orientar a leitura, para atuar como mediador competente e eficiente.

Entrevistadores: A família e a escola podem ser as principais instituições sensibilizadoras de práticas de leitura, mas muitas vezes há uma confusão quanto à atribuição de funções destas instituições: a família atribui à escola a responsabilidade pela formação leitora dos alunos, e a escola, para defender-se, faz o oposto, atribuindo à família a responsabilidade maior pela formação dos alunos. Diante deste impasse, qual é, afinal, em sua opinião, o papel da escola e da família na formação do leitor?

Helder Pinheiro: As duas instituições têm papel fundamental e, se possível, colaborativo. No entanto, a estrutura socioeconômica de muitas famílias não contribui para o estímulo à leitura. Os próprios familiares não tiveram uma formação escolar e familiar que servisse de modelo para repassarem a seus filhos. Neste contexto, acho que a escola tem um papel determinante e não deve ficar buscando culpados. Deve-se buscar soluções dentro do contexto em que se está trabalhando. Por exemplo, fazer um aproveitamento das obras que chegam anualmente às escolas públicas através do PNBE – Programa Nacional de Biblioteca Escolar, através da ativação de bibliotecas escolares, de salas de leitura e mesmo de levar os livros para leitura em sala de aula. Uma questão fundamental é que a atividade de leitura literária seja o mais constante possível. Não é viável, por exemplo, fazer uma atividade por mês ou por bimestre. O ideal é semanalmente realizar uma atividade de leitura em sala de aula. Se a escola tem biblioteca com infraestrutura, o empréstimo contribui bastante para formar leitores e envolver, muitas vezes, a família. Formar um leitor não é tarefa de um semestre ou de um ano. É algo que deve ser fomentado ao longo do ensino básico.

Entrevistadores: O senhor acredita que os cursos de Pedagogia e de Letras do país estão realmente preparando os futuros professores para estimularem a prática de leitura entre os alunos? O que precisa mudar ou melhorar em relação à questão do currículo nesses cursos?

Helder Pinheiro: Certamente não estão – embora haja algumas exceções. Os professores em formação precisam, além de conhecer o rico acervo de nossa literatura infantil, em sua diversidade de gêneros, estudar procedimentos metodológicos adequados para as diferentes faixas etárias e os diferentes gêneros. Nesta perspectiva, muitas contribuições têm surgido nos últimos anos. Destaco o trabalho influenciado por alguns conceitos da Estética da Recepção, corrente teórica que postulou o Leitor como

central na atribuição de sentido às obras. Busca-se cada vez mais uma metodologia que favoreça o diálogo texto x leitor e não meramente interpretações de textos às vezes viciadas, que pouco ou nada levam em conta a experiência dos leitores e o modo como eles se projetam nos textos. Esta perspectiva pressupõe um professor-mediador de leitura e não um aplicador de determinados conhecimentos. Discute-se bastante a ideia da “leitura compartilhada”, isto é, tornar o espaço de leitura na sala de aula (ou de discussão da leitura realizada em casa) um ambiente de partilha, de troca de experiências, de visões peculiares do texto literário. É da maior importância que a Universidade fuja da visão aristocrática de leitura literária e se livre do preconceito que alimenta com determinadas atividades didáticas de leitura. Uma face deste preconceito é pensar que o leitor que não tenha uma formação teórica não pode ter uma vivência significativa de leitura.

Entrevistadores: Os parâmetros que orientam o ensino de língua portuguesa no país, assim como as sugestões e indicações de muitos linguistas e educadores, sugerem que as práticas de leitura e de escrita na escola devem considerar a multiplicidade de gêneros discursivos produzidos nas mais diversas esferas de interação humana. Entretanto, parece existir uma segmentação entre os gêneros mais próprios para a produção e gêneros mais reservados para atividades de leitura – como é o caso dos textos literários. O senhor concorda com esta segmentação? É possível produzir textos literários na escola ou estes devem ser exclusivos para atividades de leitura e interpretação? Por quê?

Helder Pinheiro: Não tenho muito claro essa ideia de gêneros próprios para leitura e para produção. O que posso afirmar, a partir de minha experiência, é que o professor que trabalha com o texto literário deve ter como foco a formação do leitor. Pedir que crianças e jovens produzam textos literários, sobretudo se eles não têm uma experiência mais vasta de leitura pode criar até um distanciamento da leitura literária. Por outro lado, pude comprovar que crianças e jovens acostumados a ler literatura, muitas vezes se dispõem a escrever, a criar livremente. É claro que é mais fácil – pelo menos em tese – elaborar um texto de propaganda do que fazer um poema. Mas o que é central é que os ditos gêneros textuais tem uma função mais pragmática na vida dos estudantes, enquanto a leitura literária – os gêneros literários – deveriam ocupar outro patamar, outra função, ligada mais à educação da sensibilidade. Portanto, acredito que a função da escola é formar leitores, não necessariamente escritores. Não se forma escritores se não se formar leitores. Mas nem todo leitor vai ou quer se tornar escritor. O parâmetro da escrita dos gêneros textuais, a meu ver, não deve ser transferida (do) para os gêneros literários.

Entrevistadores: O ensino de literatura é algo que tem sido bastante discutido na atualidade, de modo que tem se tornado natural encontrarmos professores que dizem trabalhar literatura em suas aulas. Entretanto, ao desenvolverem suas atividades, muitos desses enfatizam somente os aspectos históricos dos períodos

literários, das escolas e de autores a elas pertencentes, esquecendo-se que o grande teor da literatura é encontrado na leitura dos textos literários. Diante essa realidade o que o senhor sugere para mudarmos esse quadro?

Helder Pinheiro: Esse problema comparece mais no ensino médio. Convencionou-se, creio que a partir do início do século passado, que ensinar literatura é ensinar história da literatura. E aí vem um número imenso de autores, obras, estilos de época, tudo visando decorar informações e não ler e discutir os textos. Felizmente documentos como as OCEM-2006 trouxe uma luz para esta questão. O documento abre a possibilidade de se trabalhar a literatura a partir de outras perspectivas. Por exemplo, a partir de gêneros, de obras contemporâneas, etc. No entanto, os livros didáticos (Lds) seguem o paradigma tradicional sem nenhuma mudança significativa. Creio que é possível realizar um trabalho efetivo de leitura no nível médio a partir das obras. Por exemplo, no primeiro ano pode-se trabalhar um bimestre com contos outro com poemas e assim com os demais gêneros. No que se refere à poesia, pode-se elaborar uma ampla antologia por temas, com poemas de diferentes épocas e ir lendo e discutindo visões de mundo, recursos expressivos, aspectos formais – ora tradicionais, ora mais inovadores- dentre outras possibilidades. Os *Referenciais Curriculares da Paraíba* trazem várias sugestões para efetivação de uma proposta diferenciada. Infelizmente não é seguido, sequer referenciado nos últimos concursos públicos do estado. Para mudar o quadro voltamos ao que já foi dito: precisamos formar professores-leitores (fundamentados teórico e metodologicamente) para poderem atuar de modo diferenciado. Muitos têm boa-vontade, mas se sentem com as mãos atadas, sem um embasamento necessário.

Entrevistadores: Reconhecendo as contribuições que o senhor tem apresentado – seja por meio de publicação de livros, capítulos de livros, artigos científicos ou mesmo com a realização de palestras, conferências e oficinas – aos professores de língua portuguesa e à própria academia, o que deve ser considerado por quem estuda ou trabalha com leitura e literatura.

Helder Pinheiro: Três questões me parecem fundamentais: primeira, que o professor seja um leitor, que revele familiaridade como texto literário. Isto tende a envolver os alunos. Se ele não vivencia a leitura literária como algo visceral, determinante em sua vida terá, provavelmente, poucas chances de instigar os jovens a se envolverem com as leituras. Segunda, é preciso buscar uma pedagogia mais dialógica. Fugir das aulas expositivas *sobre* literatura e propor sempre um encontro com o texto. Significa instigar o leitor a se pronunciar, a articular o que foi lido com sua vida, com sua experiência. Questionar quando o aluno fizer referências muito destoantes – mas sempre de modo a reconduzi-lo ao texto, não de censurá-lo. Esta mudança de postura parece-me fundamental. Por fim, estar atento ao fato de que literatura é uma arte e, como tal, não deveria ser reduzida ao pragmatismo da sala de aula. Isto significa estimular leituras que respondam ao horizonte de expectativa dos leitores, que estimulem a fantasia e a reflexão.

Entrevistadores: Professor, comente ou fale-nos um pouco sobre sua história com a leitura: como se deu o contato com os livros até os dias atuais.

Helder Pinheiro: Minha primeira experiência com a literatura é oral. Quase não tive contato com livros na infância. Nasci na zona rural de um município do interior do Ceará, chamado Capistrano. Ouvi muito narrativa em verso, quadras, sextilhas – já adulto é que vim saber que aquilo tudo se chamava poesia. Meu pai, minha mãe, alguns irmãos mais velhos sabiam muito verso de cor. E aprendi muito nesta época. Creio que até os 12 anos de idade minha imaginação foi povoada de versos. Gostava de ouvir meu pai contando a história de Oliveira e Ferrabras, fragmentos da disputa de Manoel Riachão com o Diabo, A chegada de Lampião no inferno, recitado por um velhinho cego de um olho. Também aprendi muita adivinhação em verso. Meu gosto pela poesia esteve sempre liga do às tradições orais, portanto. E aprendi com esta experiência que o que deve vir primeiro é a vivência da poesia, nada de teoria, de formas, de conceitos. Os livros chegaram bem depois, praticamente no ensino médio. Mas a poesia sempre foi minha grande companhia. A descoberta de Vinícius, de Drummond de Bandeira foi uma grande alegria. Muita coisa eu não entendia, mas me encantava. Quanto à narrativa, o primeiro alumbramento foi com *O quinze*, de Rachel de Queiroz. Eu nasci na região bem próxima a Quixadá, cenário de parte do livro. E também conhecia a seca de perto. Tudo isto contribuiu para que eu me emocionasse muito com o livro. Cecília Meireles descobri primeiro como cronista. Li uma crônica no livro didático chamada “A arte de ser feliz”. Quase decorei o texto inteiro de tão emocionado fiquei. Muitas histórias poderiam ser contadas desta vivência. A reflexão que faço hoje é que a literatura tem uma dimensão de oralidade que merece rir mais atenção, sobretudo nos primeiros anos de formação dos leitores. Minha vida acadêmica também sempre esteve ligada à leitura de poesia. Meu mestrado foi sobre Adélia Prado, o doutorado sobre Mário Quintana. E neste perreio, tornei-me um leitor de cordel. Só no pós-doutorado é que fui para a narrativa - mas Guimarães Rosa, cuja obra é permeada de poesia.

Entrevistadores: Por fim, reiteramos agradecimentos por nos ter concedido esta entrevista, ao mesmo tempo em que abrimos espaço para que faça considerações finais e nos deixe mais alguma mensagem.

Helder Pinheiro: Talvez fosse bom lembrar que precisamos nos articular mais – enquanto professores e pesquisadores -, trocar experiências, observar como inúmeros profissionais estão driblando a tradição mais historiográfica. Não creio que deva haver uma proposta, antes, uma concepção comum: de que a literatura preenche um espaço diferenciado na vida dos leitores – a arte em geral – e como tal é fundamental que a escola cumpra o papel de propiciar – democraticamente – o acesso a um maior número de leituras, através de uma metodologia que privilegie o diálogo texto e leitor.

Vamos concluir lembrando aquele poema de Cecília Meireles, do *Romanceiro da Incofidência* que chama a atenção para o poder e a força das palavras – tanto para fazer renascer a vida quanto para aniquilá-la. Vejamos:

*Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!*

*Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!*

*Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!*

*Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!*

*Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...*

*A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!*

*Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...
Detrás de grossas paredes,
de leve, quem vos desfolha?
Pareceis de ténue seda,
sem peso de ação nem de hora...*

*- e estais no bico das penas,
- e estais na tinta que as molha,
- e estais nas mãos dos juizes,
- e sois o ferro que arrocha,
- e sois barco para o exílio,
- e sois Moçambique e Angola!*

*Ai, palavras, ai, palavras,
ídeis pela estrada afora,
erguendo asas muito incertas,*

*entre verdade e galhofa,
desejos do tempo inquieto,
promessas que o mundo sopra...*

*Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sois, agora?
- Acusações, sentinelas,
bacamarte, algema, escolta;
- o olho ardente da perfídia,
a velar, na noite morta;
- a umidade dos presídios,
- a solidão pavorosa;
- duro ferro de perguntas,
com sangue em cada resposta;
- e a sentença que caminha,
- e a esperança que não volta,
- e o coração que vacila,
- e o castigo que galopa...*

*Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!*

*Perdão podíeis ter sido!
- sois madeira que se corta,
sois vinte degraus de escada,
- sois um pedaço de corda...
- sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...*

*Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!*

*Éreis um sopro na aragem...
- sois um homem que se enforca.*

Entrevistadores: Muito obrigado!